

## **Um projeto social e suas práticas juvenis: Sociabilidades, trajetórias de vida e itinerários de jovens de periferias<sup>1</sup>.**

Carine Lavador de Farias (UENF/RJ)

Caterine Reginensi (UENF/RJ)

Esta pesquisa buscou analisar como os projetos sociais voltados aos jovens, cooperam para diferentes formas de sociabilidades, através do olhar de um grupo de jovens que habita um lugar sujeito às condições de pobreza. Alguns autores afirmam que existem jovens da mesma faixa etária que vivem juventudes diferentes, pois, os lugares onde eles residem influenciam a maneira como irão circular na cidade e suas práticas sociais. Ou seja, para pensar a circulação e as práticas dos jovens na cidade é preciso analisar o seu contexto e construções territoriais. O que nos move é presumir como, a partir da sociabilidade e da participação em projetos sociais, tais jovens são capazes de construir em processos interacionais no e com o espaço urbano, suas identidades. Há de ver também como a participação em Programas, contribui para a reelaboração da inserção no bairro onde vivem e expectativas e projetos de futuro. No caso, destaca-se o programa municipal implementado na cidade de Campos dos Goytacazes, região norte fluminense do estado do Rio de Janeiro - o Jovens pela Paz (JPP). A escolha dessa abordagem, baseada em trajetórias de vida, vem completar as observações, registros de fotos e os itinerários, recolocando a questão das relações entre o indivíduo e o meio social em outros termos. A metodologia da pesquisa se deu através de entrevistas semiestruturadas e do método de itinerários, perpassando locais que ilustram esta trajetória de vida e a relação atual que o pesquisado vive com determinadas partes da cidade em seu cotidiano. Deste modo, a partir dos dados já coletados destacamos que, mesmo carregando o estigma por ser jovem e morador de periferia, ser jovem de projeto social acaba por afastá-lo simbolicamente do campo da marginalidade e do crime. Ser de projeto permite, através das novas relações de amizade, de circulação, de vínculos e de cidadania, estabelecer novas redes de sociabilidades, que permitem o enfrentamento dos problemas de “ser jovem morador de favela” como: violência, medo, ausência de espaço de lazer e etc. Ser participante de um projeto social, dentro da favela, não é apenas estar em um projeto social, e sim partilhar um estilo de sociabilidade que se difere dos demais. Compreendemos que os jovens que frequentaram o projeto analisado apreenderam certa positividade de tais vulnerabilidades, resistindo, demonstrando uma perspectiva de crítica social, como demonstrado em suas falas sobre condições de vida e projetos de futuro.

**Palavras-chave:** Juventude. Projeto social. Trajetórias de vida.

**Fomento da pesquisa:** FAPERJ UENF

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

## **Introdução. A experiência nas escolas como ponto de partida: Você pertence a um projeto social?**

Políticas públicas para a Juventude são criadas ou reelaboradas pela Prefeitura de Campos dos Goytacazes<sup>2</sup> - RJ, e foi através da experiência nas escolas, tanto como professora de Sociologia desde 2012, quanto pesquisadora, que pude estar mais perto e vivenciar o que é colocado em prática para os jovens de periferias, moradores desta cidade. Além disso, foi observada nesse percurso a composição socioeconômica e cultural dos alunos, suas diferentes histórias de vida pelas conversas em salas de aula ou informais e até mesmo através dos trabalhos escolares, como também suas respectivas formas de interação com a escola.

Ano de 2014. Escola Estadual Visconde do Rio Branco<sup>3</sup>. Sala de aula e os constantes “murmurinhos” sobre o “tal” projeto social que alguns alunos estariam participando. Com o passar dos meses algumas inquietações surgiram junto ao interesse de buscar entender este projeto – O Programa Jovens pela Paz<sup>4</sup> (JPP). Minha dúvida era: será que jovens de outras escolas também estariam participando? De onde surgiu isso? Qual era o objetivo? Os questionamentos foram surgindo conforme os comentários dos alunos<sup>5</sup> quanto à participação e “empolgação” deles. Com o passar dos dias comecei a perguntar para eles o que seria este projeto o qual alguns deles começaram a fazer parte.

---

<sup>2</sup> O município é localizado na Região Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, sendo o maior em extensão territorial. Faz divisa ao norte com o Estado do Espírito Santo, se encontra localizado a cerca de 290 km da capital do Rio de Janeiro, e possui uma população total estimada de 490.288 habitantes conforme dados do IBGE (2017)<sup>2</sup>. Relacionada à tradicional agricultura canavieira, a cidade volta-se à extração de petróleo e gás, contribuindo para mudar sua paisagem, haja vista a importância da Bacia de Campos<sup>2</sup> para a atividade de extração petrolífera (Farias, 2013). O que caracteriza o município é o fato de atualmente aparecer como “centro prestador de serviços qualificados”, atingindo os municípios vizinhos. Isso inclui não somente a formação técnica, mas também a ênfase na esfera educacional (Piquet, 2003:223). Nesse espaço geograficamente definido, evidenciam-se três atividades em grande expansão: o turismo, a aquicultura e o petróleo (Walter, 2010), sendo reconhecido como o município da região com maiores recursos proveniente das rendas petrolíferas, atingindo a cifra de R\$ 2,4 bilhões ao ano. A despeito da radicalidade das transformações econômicas e sociais da paisagem do norte fluminense e dos muitos problemas ambientais que já se registram na região, a prática da pesca artesanal, por exemplo, ainda se beneficia da conformação dos ecossistemas costeiros encontrados ali (Campos, Machado, Timóteo & Mesquita, 2016).

<sup>3</sup> Escola que a pesquisadora leciona.

<sup>4</sup> O programa foi uma política pública construída junto ao Conselho Municipal de Juventude, mas foi preciso de alguns pré-requisitos para a lei. Um dos critérios era que esse jovem se tornasse uma referência positiva para a sociedade, em lugares de conflagração. O JPP almejou provocar mudanças estruturais na condição social de seu público alvo, tendo como objeto comum a capacitação de jovens para atuação em comunidades conflagradas, com vistas à construção e fortalecimento das redes sociais de prevenção e enfrentamento à violência, bem como a promoção nos âmbitos cultural, esportivo e socioeducacional.

<sup>5</sup> Estudantes de sexo feminino e masculino, matriculados no ensino médio de escola pública da rede estadual de ensino e na época possuíam de 15 a 23 anos.

Assim foram surgindo inúmeras questões para conhecer de forma mais profunda o Programa, sobretudo entender o que é pertencer/ter pertencido a um projeto social. Como seria quando eles concluíssem a participação? Será que a participação poderia trazer uma melhoria para o cotidiano? Essa participação foi capaz de renegociar o seu papel social onde vive?

Portanto, foi na escola que a pesquisa começou a ser pensada e desenvolvida. Independente de onde as escolas se localizam, elas são consideradas como espaço público, isto é, estão relacionadas diretamente com a formação de uma cultura agregadora e compartilhada entre os cidadãos. Nesses espaços públicos desenvolvem-se atividades coletivas, com convívio e trocas entre os grupos diversos. O espaço público é também, segundo Hannah Arendt (1972), o espaço da sociedade, o espaço político, e nestes contornos é necessariamente um espaço simbólico, pois se opõem e respondem-se a discursos, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais, intelectuais que constituem uma sociedade.

### **A entrada no campo, os percursos e intercessões.**

Para dar início ao trabalho de campo, procuramos primeiramente entender toda a dinâmica do Programa JPP a partir de um cenário de referência. A experiência adquirida com um estudo exploratório em que se recorreu às metodologias de abordagem e análise buscou compreender as práticas de uso e apropriação de espaços praticados (Peciar, 2014; Leite 2002), como por exemplo, lugares escolhidos como pontos de referência e de encontro para os vários jovens analisados – o bairro onde mora, a escola, a Praça São Salvador, o Jardim São Bendito e o Shopping Boulevard. Com isso, com o auxílio das categorias como *circuito*, *pedaço*, *trajeto* e *mancha* (Magnani, 2007), que se imbricam, se articulam entre si, permitem-nos mostrar padrões mais complexos de uso e apropriação da cidade e/ou bairro e circulação por seus espaços de referencial espacial.

Em suma, o presente trabalho trata-se de um estudo exploratório e interpretativo, de cunho qualitativo, fundamentado em técnicas como: pesquisa bibliográfica, aplicação de entrevistas semiestruturadas e método dos itinerários. Os dados qualitativos se referem a dados não estruturados, como por exemplo, as anotações das entrevistas e de contextos percebidos pela pesquisadora durante os itinerários. Para tanto, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, buscando-se assim garantir a

qualidade dos dados para a análise. As categorias que serão analisadas ao longo deste trabalho surgiram a partir dos principais temas que emergiram da fala dos sujeitos entrevistados, sem a utilização de referenciais teóricos a priori. Conforme explicam Strauss e Corbin (2008), este tipo de procedimento permite que os dados falem por si próprios e que se revele o que é de fato essencial para a realidade estudada. Ele também facilita a revelação de novos aspectos da realidade que ainda não foram tratados na literatura. Neste tipo de procedimento, a busca de um referencial teórico para a discussão dos dados se dá durante a análise, a partir do que se revela como importante nos dados coletados. Com isso eles tendem a gerar subsídios concretos para intervenção na realidade estudada.

Em um primeiro momento, cada uma das entrevistas foi analisada, identificando-se os temas mais importantes que surgiram das falas de cada um dos sujeitos do estudo, agrupando-os em categorias. Em seguida, os dados foram cruzados, comparando os temas que surgiram a partir das falas de todos os sujeitos, buscando as similaridades e diferenças existentes entre os mesmos. Portanto, para esta análise, foi preciso estabelecer contato com alguns jovens que participaram do JPP e realizamos entrevista com alguns deles. Posteriormente, a partir de indicações, entrevistamos outros jovens de bairros distintos utilizando assim uma rede interpessoal para seleção destes, já explicitado anteriormente.

A partir daí busquei fazer algumas leituras sobre o referido Projeto social, ao passo que, os questionamentos sobre que o realmente seria e como era colocado em prática suscitaram outras questões. Deparei-me com diversas informações e notícias veiculadas em jornais e na internet, apresentando questionamentos sobre os investimentos por parte da prefeitura, a existência e a prática deste. A busca para a confirmação do que era colocado em prática durante a existência do Programa ocorreu através das entrevistas com os jovens participantes. Desta forma os jovens relataram sobre as restrições de circulação pela territorialidade do tráfico na cidade, a disputa entre as facções e conseqüentemente, a imprevisibilidade dos acontecimentos. Neste sentido pode-se ressaltar principalmente que a cidade é vista pelos jovens como um espaço de sociabilidade, no entanto eles não possuem uma livre circulação por conta das facções. Com isso, eles acabam se restringindo aos espaços próximos de moradia, que são marcados pela precariedade e carências de espaços de lazer (Bertoli, 2013). Mas o programa JPP trouxe um contraponto, fazendo com que essa restrição diminuísse,

sobretudo em relação ao medo e insegurança, pelo menos na época que participavam do projeto.

Mesmo assim, a iniciativa pessoal de explorar (ou simplesmente transitar) pela cidade muitas vezes nos foi relatada como bloqueada por uma mistura de timidez, insegurança e medo – provocados pela incorporação dos sentimentos de subalternidade e segregação (Machado da Silva & Leite, 2013), como se não fizessem parte daquilo ali. Isso se assemelha ao pensamento de Fassin (2001) sobre o estudo da gestão de refugiados. O autor analisa o tratamento dado à pobreza, às vítimas de guerras e catástrofes, aos migrantes em geral, a partir de etnografias e análises da condição de migrantes, estrangeiros e excluídos em solo francês e em outras partes do mundo. Para ele que tem seu estudo permeado também pelo debate dos direitos humanos e o direito à mobilidade, que vai além do debate sobre o sofrimento e a compaixão, faz entender então, que um país pode compreender a entrada de estrangeiros de modo negativo às relações sociais, econômicas e políticas de seus cidadãos, razão pela qual opta por restringir o acesso dessas pessoas (Weintraub & Vasconcellos, 2013).

Podemos destacar a categoria “medo”, pois ela tem certa recorrência nos depoimentos, inclusive aqueles que já vivenciaram alguma situação de violência ou (quase) morte, e ajuda a entendermos como os interlocutores trabalham “emoção e razão” para fazer a gestão de movimento territorial. Para Fassin (2007) os modos de lidar com o sofrimento gerado a partir da violência são modos absolutamente recentes, apesar de a violência existir desde sempre. Para os entrevistados, circular por lugares que não são bem vistos, espaços que não pertencem a eles, muitas das vezes são lugares que por sua vez transformam suas presenças como indesejáveis. A denominação “indesejados” analisada por Agier (2008) é utilizada para se referir às “pessoas menos pessoas”, ou melhor, àquelas que, apesar de se ter conhecimento de sua existência, toma-se como não presentes (ou seria melhor que assim fossem) ou como não aptas ao alcance de certos direitos.

Segundo os entrevistados, as reuniões e os encontros do JPP ocorriam em diversos bairros, sendo estes liderados pelo TCP<sup>6</sup> ou ADA<sup>7</sup>, e todos os integrantes, incluindo os monitores, iam e participavam. No início alguns tinham medo, mas logo depois isso foi descartado. Também fizeram amigos de outros bairros e passaram a

---

<sup>6</sup> Terceiro comando puro.

<sup>7</sup> Amigos dos amigos.

frequentar a casa, o bairro e a rua destes, até hoje, mas de forma bem reduzida. A maioria mantém contato pelas redes sociais, onde conversam e marcam possíveis encontros, muitos ocorrem até hoje no Jardim São Benedito e na Praça São Salvador. Por essa razão, os jovens possuem uma importância crucial para o entendimento das sociedades modernas, o seu funcionamento e suas transformações. Entender a juventude é compreender a própria modernidade em diversos aspectos como a arte, a cultura, o lazer (Abramovay & Castro, 2015) e o cotidiano.

### **A escolha da etnografia e o método de itinerários.**

Sobre etnografia, autores como Gilberto Velho (1999, 2002), Certeau (2008), Marc Augé (2010; 1994), Das & Polle (2008), Magnani (1996; 2007; 2008; 2010; 2012; 2014) e Proença Leite (2002), foram fundamentais como referência para se pensar no trabalho de campo desenvolvido. Para o primeiro conjunto de autores citados, tenho me apoiado em Certeau (2008), no que diz respeito à relação entre espaço urbano e práticas sociais. Como pensar o espaço da Praça São Salvador? Com base em Certeau (2008) e Peciar (2014), para quem o espaço é um lugar praticado, uma das questões seria investigar até que ponto a Praça, além de ser um lugar planejado, destinado para encontro ou lazer, também se move para o trabalho, mobilizações e movimentos sociais. Lembrando que para Certeau, movimento, espontaneidade, originalidade, táticas de consumo, táticas de adaptação, modos de reapropriação de lugares, modos de fazer, de uso, práticas cotidianas, são todas características que conformam um espaço.

Para Magnani (2002) não há necessidade de muitos malabarismos pós-modernos para aplicar com proveito a etnografia às questões próprias do mundo contemporâneo e da cidade, em particular: desde as primeiras incursões a campo, a antropologia vem desenvolvendo e colocando em prática uma série de estratégias, conceitos e modelos que, não obstante as inúmeras revisões, críticas e releituras (quem sabe até mesmo graças a esse continuado acompanhamento exigido pela especificidade de cada pesquisa) constituem um repertório capaz de inspirar e fundamentar abordagens sobre novos objetos e questões atuais. Em seu olhar antropológico para a cidade, Magnani enfatiza a centralidade da etnografia para as pesquisas sobre o urbano, sugerindo discutir as suas especificidades e os seus desafios nesse contexto. E ele o faz ressaltando, em primeiro lugar, as tarefas principais de uma antropologia que toma a cidade como objeto para, mantendo-se “fiel ao patrimônio teórico e metodológico da

disciplina”, abordar a sua dimensão, diversidade e particularidades. Nesse sentido é preciso conciliar a paisagem e os atores sociais.

Compreender, portanto, a paisagem não apenas como um cenário dado, mas como o resultado das práticas, intervenções e ações engendradas pelos diferentes atores, de maior ou menor poder, por meio de suas redes de trocas. Com isso, foi proposto neste estudo um viés qualitativo e dessa forma, foram empregados alguns métodos próprios a essa abordagem. Esta opção mostra-se como a mais adequada, por permite uma escuta sensível e abrangente, possibilitando conhecer atividades diárias, motivos, significados, emoções e reações dos sujeitos, dando espaço para seu próprio olhar sobre o mundo.

Acompanhado da etnografia, o método dos itinerários (Petiteau e Pasquier, 2001) foi aplicado junto aos jovens que participaram do JPP. Segundo o referencial, primeiramente é realizada uma entrevista semiestruturada junto ao morador, onde é solicitado ao entrevistado associar o tema da pesquisa. Na entrevista o jovem é convidado a realizar uma jornada de itinerário pela cidade/bairro, que é uma experiência compartilhada junto ao pesquisador, em qualquer meio de locomoção proposto pelo pesquisado (Reginensi, 2010). A atividade pode ocorrer no dia ou até a semana seguinte. Pretendeu-se com a jornada perpassar locais que ilustram trajetórias de vida e a relação atual que o pesquisado vive com determinadas partes da cidade em seu cotidiano, dando conta da experiência de suas atividades, como: estudo, lazer, religiosidade, participação política, relações com os vizinhos e trabalho, sobretudo idas aos locais onde realizavam atividades do JPP.

A escolha dessa abordagem, baseada em trajetórias de vida, vem completar as observações, registros de fotos e os itinerários, recolocando a questão das relações entre o indivíduo e o meio social em outros termos. A partir do percurso metodológico apontado, as análises foram focadas em desvendar o que os territórios, cotidianos, de trocas e referencial são para um grupo de jovens.

Optamos por uma visita do bairro onde o jovem mora ou do local de trabalho/estudo, em seguida definimos na hora alguns percursos, de um ponto a outro, em função do interesse dos jovens em nos mostrar o lugar. De fato, durante um itinerário que variou de quinze minutos a duas horas, os entrevistados ficaram livre para traduzir as suas impressões e percepções. Com base nos itinerários e entrevistas

tentamos resgatar três percursos da vida de cada um desses jovens: um percurso como referencial espacial, um percurso de vida e outro, sobre o projeto social.

Assim, realizamos paulatinamente a sistematização de dados, separando as categorias relevantes para a reflexão a respeito dos territórios e circulações dos jovens na cidade de Campos dos Goytacazes, que serão expostos no terceiro capítulo desta tese. A metodologia de pesquisa aplicada conciliou e privilegiou diversos métodos de abordagem qualitativa, que possibilitou-nos captar e aprofundar a compreensão sobre as experiências e percepções dos jovens.

### **Mapeamento das trajetórias dos indivíduos e cartografia dos itinerários.**

Este subtítulo diz respeito aos resultados do estudo sobre a temática da juventude e suas práticas sociais. Apresentarei um mapeamento da trajetória de um indivíduo através da cartografia de um itinerário selecionado para este artigo, a partir de vinte e seis (26) entrevistas semiestruturadas realizadas com jovens do JPP. A cartografia foi desenhada por uma arquiteta a fim de visualizarmos no mapa as trajetórias dos indivíduos, pontos e tempos de passagem, principalmente identificar como projetos sociais podem contribuir para o direito e a experiência juvenil na e com a cidade. Assim, estes foram efetivados por meio do trabalho de campo. Este material embasa e complementa a formulação teórica (Vogel & Mello, 2017). Para tanto, recorreu-se a diferentes métodos e técnicas de pesquisa, entre os quais se destacam a metodologia da jornada de itinerários e da cartografia da ação social.

#### **Quadro geral.**

##### Entrevistas/Itinerários

A investigação é dedicada à juventude do JPP, destacando as suas condições de vida, sobre o centro da cidade, a rua e o bairro onde residem, anseios relacionados às expectativas de vida e projetos de futuro, trabalho, escola, lazer, relações com os vizinhos e fazeres cotidianos, sobretudo idas aos locais onde realizavam atividades do projeto. Para tanto, compreender as práticas, os vínculos sociais, os desencantos e os desejos dos jovens, exige uma análise contextualizada de ações sociais e o mapeamento (objetivo e subjetivo) de (des) encontros com a cidade (Silva & Schipper, 2012).

*O referencial espacial de Juliana: A mancha e a Praça São Salvador como um lugar de encontros, de lazer e também de passagem.*

O itinerário foi desenvolvido a partir da caminhada pelo centro da cidade de Campos dos Goytacazes, comandada pela entrevistada Juliana. Nosso encontro aconteceu no dia dezessete de agosto de 2017, com início do trajeto no Terminal Rodoviário Luiz Carlos Prestes, mais conhecido como Terminal Rodoviário Beira-Rio, que para Augé (1994) caracteriza como lugar transitório, no qual sempre se está de passagem. Localizado próximo à Praça São Salvador e com o término dele, no Teatro de bolso Procópio Ferreira<sup>8</sup>, pois a jovem tinha aula do curso após o nosso trajeto.

Juliana possui 22 anos, pertencia ao polo do bairro Santa Rosa, localizado em Guarus<sup>9</sup>, distrito cujos moradores são tomados como possuidores de uma identidade social deteriorada em relação aos demais moradores da cidade, sobretudo, aqueles que residem na margem direita do Rio Paraíba do Sul (Assis, 2015). Para Pinheiro (2018) a criação e segmentação dos bairros adjacentes à Santa Rosa faz dela muito mais que um bairro, permite qualificá-la como um aglomerado<sup>10</sup> de bairros devido à sua contiguidade com os bairros limítrofes. Desde que nasceu sempre morou neste mesmo lugar. Para ela, sua circulação pelo bairro é bem restrita por causa da violência. Portanto, a entrevistada evita caminhar pelo seu bairro e respondeu-me desta forma, quando foi indagada por não ter o escolhido para fazermos o itinerário:

**Quadro O bairro e a violência.**

Itinerários/entrevistas

Cada rua era uma facção diferente, agora que deu uma diminuída. Todos os meus amigos daqui do centro, tem medo de ir à minha casa. Então eu até evito sabe, por isso preferi encontrar você pelo centro mesmo, já ando tudo por aqui mesmo.

Esta fala remete a análise feita por Pinheiro (2018) a partir dos relatos de moradores do mesmo bairro da entrevistada. Segundo a autora mencionada isso demonstrou de forma indiscutível como o medo e a violência constituem aquela ordem social, submetendo

<sup>8</sup> Durante 2017, ano em que foi reaberto após quase três anos fechado, o teatro recebeu cerca de 800 artistas, além de um público de 7,7 mil pessoas. Foram 40 eventos entre peças teatrais e espetáculos de dança. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/teatro-de-bolso-em-campos-rj-completa-50-anos-com-programacao-diversificada.ghtml>, acessado em 02 de agosto de 2018.

<sup>9</sup> 3º Subdistrito da cidade de Campos dos Goytacazes que está localizada ao norte do Estado do Rio de Janeiro, que em diferentes momentos de sua história fora qualificada como “perigosa”, seja por meio de rumores, seja por meio de notícias que tomavam a localidade como perigosa para a circulação (Assis, 2015).

<sup>10</sup> O “aglomerado de Santa Rosa” é formado pelos bairros de Santa Rosa, Residencial Planície, Parque São Domingos, Parque Dom Rodrigo, além de seus adjacentes Parque Santa Clara, Novo Mundo, Custodópolis, Novo Eldorado e Eldorado.

seus moradores a uma socialização ancorada no medo, na evitação e no desejo constante, especialmente pelos mais jovens, de deixar o lugar. E no bojo destes processos encontramos as territorializações produzidas pelas facções, que no contexto de Santa Rosa compõem a figuração social estabelecida. Logo em seguida, a jovem demonstra o sonho de se mudar e levar a mãe e os irmãos juntos, ao mesmo tempo, que afirma que sempre morou lá e que mesmo diante dessas situações é feliz por morar com a sua família e por nada ter acontecido com eles até hoje. Para Machado da Silva (2004:57-58):

Isto permite tomar a violência urbana como uma representação coletiva, categoria de senso comum constitutiva de uma “forma de vida”. Analisada em seus conteúdos de sentido mais essenciais, a representação da violência urbana seleciona e indica um complexo de práticas que são consideradas ameaças a duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costuma acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial.

Para o autor, ela aponta para o crime comum, mas o foco de atenção é a força nele existente, a qual é definida como responsável pelo rompimento da “normalidade” das rotinas cotidianas. Esta é a razão pela qual a violência urbana não é simples sinônimo de crime comum nem de violência em geral. No caso, Siqueira (2016) apresenta que a proximidade ou distanciamento entre os territórios de facções rivais influencia no modo como o tráfico se organiza, e, conseqüentemente na intensidade com que interfere nas circulações e práticas dos jovens na cidade argumentando que o direito de ir e vir, ao lazer, ao transporte, ao estudo e ao trabalho, assim como o acesso aos serviços que a cidade oferece são comprometidos por estas relações de proximidade com o tráfico de drogas e as divisões territoriais de facção. Este foi um dos motivos que a levou a preferir fazer o itinerário pelo centro da cidade. Para os entrevistados, o local de trabalho e/ou do curso servia como um ponto de encontro, sobretudo de fácil acesso para eles.

O local de trabalho dos jovens foi o escolhido pela maioria como o ponto de partida. Como Breno, que escolheu o Mercado Super Bom; Renata, o Quiosque/Lanchonete; Carla, a loja de roupas e Karol, a escola que trabalha. Todos os itinerários tiveram dia e horário marcado. Para eles, a caminhada em torno desses lugares era mais segura. Sujeitos que, por diferentes razões, têm pouca ou muita experiência de circulação pela cidade, e se beneficiam pouco ou muito das atividades (Farias, 2013). Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas

urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços e as trajetórias (Certeau, 2008:176). Ainda para Certeau (2008:184), as relações dos sentidos da caminhada com o sentido das palavras situam duas espécies de movimentos aparentemente contrários: um de exterioridade (caminhar é sair); o outro, interior (uma mobilidade sob a estabilidade do significante).

Sobre a cidade, considerada como espaços praticados e redes de relações, e o trabalho, para a maioria, localizado no entorno do centro, configuram um amplo espaço de sociabilidades, além do direito democrático de livre circulação por ela, o que ameniza a situação existente de comando de facções em determinados bairros da cidade. Estes lugares fazem parte do trajeto cotidiano dos jovens. Apenas um itinerário não foi realizado através de caminhada, e sim, de carro. Neste caso, foi possível circular um pouco mais pela cidade e estender o trajeto para diferentes bairros, como será visto mais adiante, a partir da cartografia apresentada disponível no quinto itinerário.

Para a entrevistada, a ideia também era mostrar-me por onde circula e onde se localizam os cursos que ela faz. Atualmente trabalha como babá, mas sem vínculo, na maioria das vezes, nos finais de semana. O local onde estuda - curso de violino e de teatro (curso livre de teatro, em que iniciou no ano de 2017) - e onde estudou o ensino médio, a Escola Estadual Nilo Peçanha - são localizados no mesmo bairro, no entorno do centro da cidade, e segundo a entrevistada, essas escolhas se deram, pois sempre viu o centro da cidade como um local de maiores oportunidades para ela, inclusive para trabalhar e conhecer pessoas:

**Quadro. O centro da cidade.**

Entrevistas/Itinerários

Aqui eu conheci muita gente. Muita gente bacana. Consigo uns bicos de vez em quando. Também foi ter vindo estudar aqui no centro que tive acesso a pessoas que me chamaram para fazer o curso de teatro, que era o meu sonho. E assim vai. Gosto do centro, vivo caminhando por aqui pela praça.

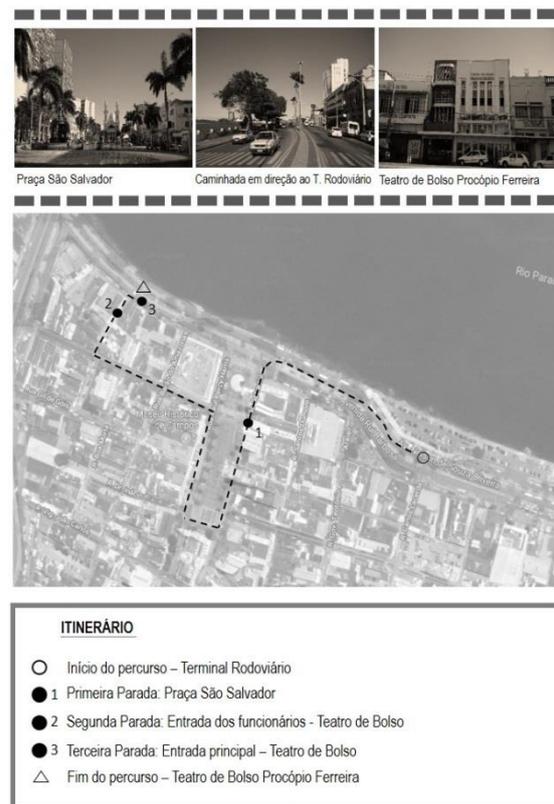
O percurso para os cursos se dá de ônibus ou carona de parentes. Fica claro, portanto, a importância da cidade como o lugar onde se concretizam as relações sociais, de solidariedade e de poder. Nela, são evidentes as distinções espaciais que são fortemente marcadas e explicitadas pela presença e/ou ausência, e pela qualidade dos serviços públicos e dos equipamentos urbanos (Farias, 2013). Quando participava do JPP, as atividades do polo se concentravam em seu bairro, mas também participava de atividades extras, como nas praças públicas, no Jardim São Bendito, Universidades

como a Cândido Mendes e a UENF e por fim, a SEEDUC – Regional Norte Fluminense, e segundo ela, para ir a estes locais, sempre utilizou do transporte público, onde descia neste mesmo ponto e na maioria das vezes caminhava até o local das atividades.

Conforme Magnani (2010) se o uso da categoria *pedaço* no contexto do bairro tinha como referência a moradia e vizinhança, na pesquisa que se seguiu tal conotação desaparece: as unidades de análise eram, agora, definidas em função exclusivamente de práticas de lazer e encontro. O que se queria saber é se por ocasião dessas práticas, num território heterogêneo e acessível a todos como é o centro da cidade, estabelecem-se vínculos, sinais de reconhecimento e delimitação de espaço - de forma que aí também seja possível definir quem é e quem não é "do pedaço". Isso fica evidente também nas entrevistas, em que muitos jovens relatam considerar o centro da cidade, sobretudo a Praça São Salvador, como o local de prestação de serviços, de trabalho, de encontro, sobretudo de lazer, no entanto, acredito que a categoria *mancha* torna-se mais viável para descrever e a analisar o local.

Quando os jovens saem de suas casas e dirigem-se a este seu local, no centro da cidade, vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças tecendo sua rede da sociabilidade. No entanto, a diferença, pois, com a ideia do pedaço tradicional é que aqui os frequentadores não necessariamente se conhecem - ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro - mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes (Magnani, 1993). Que no caso a praça/centro em relação ao componente espacial: trata-se de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. Logo, estamos agora falando de *mancha* - neste caso, de lazer.

Para tanto, o primeiro trajeto do itinerário se deu a partir do ponto de ônibus, na Avenida Nelson de Souza de Oliveira e caminhamos novecentos metros até a Praça São Salvador. Neste ponto de ônibus, ela “solta” para ir ao curso de violino, ao curso de teatro também quando ia para a escola e para a maioria dos lugares que ela já trabalhou e precisa ir de modo geral. Contornamos a praça, conversando e falamos um pouco sobre o comércio, inclusive sobre o que a jovem gosta de fazer na Praça e na cidade.



**Figura 1** Cartografia do itinerário com a Juliana.

Para Agier (2011), a cidade, em vez de lugar de anonimato como muitas vezes se caracterizam ainda as grandes cidades, pode ser lugar de conforto. Conforto pelas redes que se estabelecem, pela inscrição dos espaços vividos, pela possibilidade que a familiaridade fornece de reivindicação.

A partir da visão de Agier (2011), direcionamos um olhar mais profundo para análise, a Praça São Salvador, pois é principalmente nela que são estabelecidas redes. A Praça São Salvador é um espaço público e é aquele que, dentro do território urbano, seja de uso comum e coletivo, não pode favorecer a indivíduos isolados. Esta pode ser definida como espaços públicos livres, como espaços de circulação e espaços de lazer e recreação. Existem ainda os espaços que possuem certa restrição ao acesso e à circulação e que pertencem à esfera do poder público, como: os edifícios e equipamentos públicos, instituições de ensino, hospitais, centros de cultura etc. Também existem equipamentos que pertencem à iniciativa privada, mas que possuem caráter público (todos podem ter acesso), ainda que com restrições (ter dinheiro para poder frequentá-los), como é o caso dos shoppings centers, casas de shows, universidades particulares, etc.

A praça é vista para a entrevistada como um lugar de entretenimento, lazer, de encontros e também de passagem. Foi durante uma das paradas do nosso itinerário, em um dos bancos da Praça, onde relatou-me que é neste local que ela encontra amigos, sem nem mesmo precisar combinar para que isto ocorra. Quando precisa resolver algo, diz a jovem, que no em torno dela, consegue resolver tudo que sua mãe precisa. Ali por perto, apenas caminhando ela encontra tudo que necessita. Assim, diferentemente do que ocorre no *pedaço*, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos, a *mancha* cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinatórias mais variadas, o que neste caso, consideramos a Praça São Salvador. Numa determinada *mancha* sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores. A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, *pedaços* ou *manchas* excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas – este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro – de acordo com uma determinada lógica. Mesmo quando se dirigem a seu *pedaço* habitual, no interior de determinada *mancha*, seguem caminhos que não são aleatórios. Está-se falando de *trajetos* (Magnani, 1996:43). *Trajetos* estes definidos pela entrevistada, composto por percursos pré-determinados, existentes em seu cotidiano, quase que diariamente.

Da praça, caminhamos pela Rua Paul Percy Harris e entramos a esquerda, na Avenida Alberto Torres, até virar a direita na Rua do Teatro de Bolso, que se chama Rua Dr. Gesteira Passos. Ali, ainda nesta rua, entramos no teatro, pela entrada de trás. Neste local, conheci algumas pessoas, conversamos mais um pouco, onde contou-me sobre o curso e as apresentações. Em seguida, contornamos a rua e paramos na entrada principal do Teatro (que dá de frente para o início do terminal, onde pega o ônibus para a sua casa). De lá, atravessamos a rua e paramos em frente a uma vista para o Rio Paraíba do Sul (a entrevistada quis um ângulo melhor para realizarmos fotografias do local onde faz curso de teatro).



**Figura 2** Procurando o melhor ângulo para registrar o Teatro de Bolso.

Farias (2013) destaca questões como carência de espaços para o lazer, eventos religiosos e equipamentos públicos adequados ou não para a sociabilidade juvenil. Para a autora ao falar de cidade e religião no espaço público em Campos dos Goytacazes, têm-se a igreja São Salvador, a Universal do Reino de Deus (que será descrita no itinerário a seguir) e outras localizadas nas redondezas do centro da cidade como atributo forte da conexão entre o sagrado, o urbano e os religiosos. Ao entender que “a cidade revela os interesses e as ações da sociedade e, ao mesmo tempo, oferece condições para que tais interesses e ações se realizem” (Sposito, 2008:14), há outra realidade em Campos dos Goytacazes.

O espaço público da cidade possui poucas opções de lazer, de diversão e de entretenimento (Farias, 2013). No entanto, a partir das falas de alguns jovens, especialmente da jovem desta caminhada, ela destaca o surgimento de novos entretenimentos, inclusive o Teatro de bolso que foi reaberto a pouco tempo. Para ela a praça está mais viva. As sextas-feiras ela costuma assistir “batalhas” de rimas, de passinho e de danças, logo após as suas aulas de teatro. É ali também que costuma lanchar, pois até o comércio do entorno da praça se expandiu, com mais lojas inauguradas. Algumas vezes também ela encontra amigos, até mesmo os que eram do JPP. Há atualmente uma diversidade de atividades na praça, inclusive algumas manifestações realizadas por jovens gerando um número grande de pessoas. A Praça é lugar de movimento (Peciar, 2014) e com base em De Certeau (2008), até que ponto a

Praça São Salvador, além de ser um *espaço planejado*, destinado para encontro ou lazer, pode ser considerada como um lugar de *espaço praticado*?

### **Considerações finais**

Este trabalho se propôs analisar como projetos sociais podem contribuir para o direito e a experiência juvenil na e com a cidade a partir das suas representações, circulações e práticas sociais. Com isso concluo que as políticas públicas, bem como os projetos sociais, expressam uma diversidade de possibilidades de ser e vivenciar a juventude a partir desta participação e que a inserção dos jovens nestes grupos diz muito sobre suas compreensões de política, cidadania, experiências com a cidade, sobretudo de novas redes de sociabilidades, por isso há uma necessidade de continuidade e também de ampliação de políticas públicas destinadas à juventude.

A proposta metodológica para este artigo especificamente, se restringiu a apresentar uma jornada de itinerários de apenas uma jovem entrevistada com a elaboração e análise de uma cartografia. A intenção de ouvir os jovens de periferia que participaram do JPP e conhecer as suas trajetórias, suas formas de compreensão e de apropriação e uso da cidade foi um desafio a apresentar as formas de sociabilidades existentes. O direito a cidade é distante, mas a participação destes em projetos sociais acaba por amenizar, tornando como uma perspectiva de luta para estes jovens. Principalmente no que diz respeito à possibilidade de discutir e pensar a cidade, o bairro e seus espaços de uso e apropriados a partir de suas visões de mundo, a maioria delas, construídas a partir da participação em programas. Acredito que tratar da relação entre juventude e política pública no cenário local é de grande relevância visto que, ao compreendermos as dinâmicas e processos nela existentes, poderemos contribuir na construção de um debate mais qualificado sobre o tema. Em contrapartida, há de se considerar também sujeitos que enxergam estas ações de maneira negativa, utilizando um discurso contrário, ou seja, enxergam essas políticas públicas como apenas propaganda política, onde as intervenções não passam de instrumentos de promoção de políticos, configurando assim, uma “vitrine” de atuação do poder público vigente (Soares, 2013). Durante o trabalho de campo, alguns jovens do JPP alegaram terem feito a inscrição com essa perspectiva negativa do programa, mas a partir das reuniões, atividades e eventos a ideia foi se desconstruindo ao longo de suas participações e atualmente se questionam de forma bem favorável e positiva sobre a possibilidade de retorno do projeto social.

## Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: *políticas e perfis da juventude brasileira*; cadernos Adenauer XVI (2015) nº1.
- AGIER, Michel. Antropologia da cidade: *lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. 216p.
- ARENDT, H. *La crise de la culture*. Paris: Ideés/Gallimard, 1972.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- ASSIS, Renan Lubanco. *Morador de Custodópolis e morador de Guarus: a moradia como um símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ*. Tese de doutorado. Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2016.
- BERTOLI, Naiana de Freitas. *Percepções e vivências religiosas dos jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes/RJ*. Monografia de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes/RJ: UENF, 2010.
- CAMPOS, Mauro Macedo; MACHADO, Moisés; TIMÓTEO, Geraldo Márcio; MESQUITA Paulo Belchior. *Pescadores artesanais da Bacia de Campos: a saúde pela perspectiva da (in)segurança alimentar*. Dossiê: A saúde na cidade. Cad. Metrop. vol.18 no.36 São Paulo July/Dec. 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 15ªed.
- FARIAS, 2013. *Música gospel e sociabilidades juvenis: modos de relação com o religioso entre os evangélicos*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2013.
- FASSIN, Didier. Une double peine: la condition sociale des immigrés malades du Sida. *L'Homme*, Paris, v.160, p.137-162. 2001c
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. *L'empire du traumatisme: enquête sur la condition de victime*. Paris: Flammarion. 2007.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-Usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira*. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol.17, n.49, pp.115-134, 2002.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. *Sociabilidade Violenta: Por Uma Interpretação da Criminalidade Contemporânea no Brasil*. In: Sociedade e Estado, vol. 19 nº1, Brasília jan/jun 2004.
- MACHADO DA SILVA, L. A., LEITE, M. P. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In: MACHADO DA SILVA, L.A. (org) *Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. \_\_\_\_\_. “Introdução: circuitos de jovens”. In: Jose Guilherme C. Magnani e Bruna Mantese (org.) *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- \_\_\_\_\_. De perto e de dentro: *notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n.49, p. 11–29, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os circuitos dos jovens urbanos Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010.*

\_\_\_\_\_, Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) *Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana.* EDUSP, São Paulo, 1996.

PINHEIRO, Ana Carla DE Oliveira. “Ver e não enxergar, escutar e não ouvir, ver e não falar”: um estudo sobre a sociabilidade e as formas de conviver com o medo e o sentimento de (in) segurança em uma comunidade de periferia em Campos dos Goytacazes (RJ). Tese de doutorado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2018.

PECIAR, Paola. Lugares praticados: *quando o espaço urbano ganha feições de espaço público*; Cadernos NAUI Vol. 3, n.4, jan-jun 2014.

PETITEAU, Y; PASQUIER, E., La méthode des itinéraires: récits et parcours In: GROSJEAN, M., THIBAUD, J.-P.(org.), 2001. *L'espace urbain en méthodes.* Parenthèses., Marseille, pp.63-78

PIQUET, Rosélia. Da cana ao petróleo: uma região em mudança. In: PIQUET, Rosélia (org) *Petróleo, royalties e região.* Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 219-238.

REGINENSI, Caterine. *Como praticar etnografia nas margens e fronteiras das cidades?*; Revista do núcleo de antropologia urbana da usp; 20 | 2017 ; Ponto Urbe 20.

\_\_\_\_\_. RELATÓRIO FINAL - PESQUISADORA VISITANTE FAPERJ. Processo nº. E-26/101.329/2009, *Etnografia urbana de atividades de comércio e serviços informais no Rio de Janeiro, Práticas e estratégias, novas formas de pobreza e iniciativas inovadoras?* 31 de outubro de 2010, 168p.

SILVA, Catia Antonia da; SCHIPPER Ivy. Cartografia da Ação Social: Reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade. Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 08, n. 1, pags. 25-39, jan/jun. 2012.

SIQUEIRA, Carolina de Oliveira. Territórios proibidos? *Uma análise das circulações e práticas sociais de jovens das periferias de Campos dos Goytacazes/RJ.* Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2016.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Redes e Cidades.* São Paulo: Editora UNESP, 2008.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2 ed. Porto Alegre: Porto Alegre, 2008.

VOGEL, Arno, MELLO da Silva, Marco Antônio e MOLLICA, Orlando/ *Desenhos. Quando a rua vira casa.: a apropriação de espaços de uso coletivo entro de bairro.* 4e ed.rev. e aum, 2017.

WALTER, T. (2010). *Novos Usos e Novos Mercados: Qual sua influência na dinâmica da cadeia produtiva dos frutos do mar oriundos da pesca artesanal?* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

WEINTRAUB, Ana Cecília Andrade de Moraes; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa Vasconcellos. *Contribuições do pensamento de Didier Fassin para uma análise crítica das políticas de saúde dirigidas a populações vulneráveis.* Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.20 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Pesquisa nacional por amostra de domicílios. Síntese de indicadores 2009. Rio de Janeiro: IBGE.